

A SOCIOLOGIA FIGURACIONAL E OS ESTUDOS DO ESPORTE*

Ms. CLEBER DIAS

Doutorando em educação física na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Mestre em história comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Professor assistente da Faculdade de Educação Física da
Universidade Federal de Goiás (UFG) (Goiás – Brasil)
E-mail: cag.dias@bol.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de analisar criticamente algumas implicações decorrentes das proposições teóricas de Norbert Elias para os estudos do esporte. Tentando apontar alguns limites, o artigo ocupa-se, mais especificamente e a título de exemplo, com a problemática da gênese do esporte moderno. Depois de apresentar resumidamente as explicações dessa abordagem para o surgimento do fenômeno esportivo, tratamos de algumas críticas que se tem apresentado nesse sentido. O real alcance do processo de pacificação dos costumes, a diversidade de modos de vida na Europa moderna, a permanência de formas tradicionais de divertimentos populares, o eurocentrismo, além da própria concepção de teoria implícita às obras de Elias e de seus seguidores são temas que se apresentam à reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia figuracional; Norbert Elias; teoria social; estudos do esporte.

* Este artigo foi originalmente elaborado e teve uma primeira versão para um trabalho de fim de curso da disciplina sociologia do esporte, ministrada pela professora Heloísa Reis, no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nesse sentido, meus agradecimentos às suas críticas que certamente ajudaram a corrigir, ao menos em parte, os possíveis excessos. O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza, tampouco houve conflitos de interesses para a sua realização.

Recentemente, em artigo na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Cristina de Medeiros e Leticia Godoy (2009) mapearam o grau de presença e as tendências de apropriação dos trabalhos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na produção de conhecimento em educação física. Mais particularmente, analisando os artigos publicados nessa mesma revista entre 1979 e 2007, identificaram a forma com que esses autores foram referenciados, tentando ainda especificar o modo de utilização de seus conceitos. Por fim, aparentemente advogando uma incorporação mais sistemática de seus modos de trabalho, sugerem a necessidade de um maior “comprometimento qualitativo com relação à apropriação de Elias” (MEDEIROS; GODOY, 2009, p. 209).

Em caminho mais ou menos contrário ao das autoras, este trabalho quer discutir criticamente alguns problemas e limites colocados aos estudos do esporte, justamente, pelo movimento de apropriação de teorias como as derivadas da sociologia figuracional de Norbert Elias. Com esse propósito, o trabalho está dividido em três partes. A primeira, que apresenta a maneira pela qual essa composição teórica aborda o esporte, tomando como exemplo, mais particularmente, suas abordagens a respeito da gênese desse fenômeno; a segunda, que se ocupa em apresentar algumas críticas que vêm se colocando a essas abordagens, ampliando o número de referências; e a terceira, à guisa de conclusão, cuja intenção é situar esses debates de maneira mais ampla, buscando apreender algumas das suas implicações.

O ESPORTE NA SOCIOLOGIA FIGURACIONAL

Os trabalhos de Norbert Elias inauguraram a noção de uma sociologia figuracional. Trata-se, nas palavras do próprio autor, de uma prática sociológica que pretende “liberar o pensamento da compulsão de compreender termos como indivíduo e sociedade de maneira desarticulada”, como se fossem “simples opostos ou meras entidades ontologicamente diferentes” (ELIAS, 1994, p. 7). Sua motivação parte do diagnóstico dos limites conceituais impostos pela falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade.

Dispomos dos conhecidos conceitos de “indivíduo” e “sociedade”, o primeiro dos quais se refere ao ser humano singular como se fora uma entidade existindo em completo isolamento, enquanto o segundo costuma oscilar entre duas idéias opostas, mas igualmente enganosas. A sociedade é entendida, quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturada de muitas pessoas individuais, quer como objeto que existe para além dos indivíduos (*idem, ibidem, p. 7*).

Em contrapartida, busca-se então, através da noção de figuração, conceber que indivíduo e sociedade não existem, na realidade, de maneira autônoma, mas

“ligam-se uns aos outros numa pluralidade” (idem, *ibidem*, p. 8). Segundo Elias, isso permitiria finalmente compreendê-los de maneira integrada na cadeia de interdependência formada através do seu convívio coletivo. Tais propostas começaram a se realizar, em primeiro lugar, na sua análise sobre *A sociedade de corte* e ganharam corpo mais visível no seu célebre livro sobre *O processo civilizador* (ELIAS, 2001, 1990, respectivamente).

Não é o caso de comentarmos pormenorizadamente os detalhes e vicissitudes de tais formulações. Isso, aliás, já tem sido feito de maneira até bastante repetitiva (ver ALMEIDA; GUITERREZ, 2005; GEBARA, 2000, 2002; LUCENA, 2002). Para os nossos propósitos, interessa apenas sublinhar que os trabalhos de Elias acabaram abrindo caminho para uma influente teorização sobre o esporte, ou como prefere Eric Dunning (1992, p. 3), um dos seus principais colaboradores, “lançam as bases de uma adequada teoria do lazer”.

De fato, apesar do exagerado entusiasmo de Dunning, Elias dedicou considerável atenção ao estudo do fenômeno esportivo. Entre os sociólogos de maior envergadura, talvez ele tenha sido o que fez isso de maneira mais sistemática. Não parece fortuito, portanto, que alguns dos principais seguidores de Elias sejam pesquisadores dedicados ao estudo do esporte e do lazer.

Os trabalhos de Elias sobre o esporte versavam, basicamente, sobre temas como sua prática enquanto um espaço de controle ou descontrole das emoções. Por esse aspecto, eles podem ser vistos como desdobramentos de suas teorizações mais gerais, notadamente a ideia de um processo civilizador, compreendido como um progressivo controle da natureza e das relações sociais, com um respectivo grau de autocontrole individual (ver ELIAS; DUNNING, 1992).

Mais particularmente, suas reflexões sobre o esporte trataram também de questões referentes à gênese moderna desse fenômeno. Aí, seus argumentos centrais, a exemplo de todo o resto, não escapam à lógica mais ampla de toda a sua obra, que é a de identificar o acionamento de uma macrotendência social, que ele próprio designa como um processo de civilização dos costumes. Nesse artigo, pretendemos tomar esse tópico, em especial, como veículo para as nossas reflexões sobre a sociologia figuracional ante o esporte.

De modo geral, a sociologia figuracional afirma que as características dos jogos praticados no contexto histórico moderno se singularizam. O esporte, nesses termos, não teria equivalências, por exemplo, com jogos da Antiguidade, como o senso comum costuma supor. O pancrácio e o boxe – para tomar um caso apresentado pelo próprio Elias – se diferenciam entre si exatamente pelo fato do último assumir uma forma “mais civilizada” com relação ao primeiro. Ou seja, a forma de se jogar em uma sociedade civilizada tende a assumir tais características. À medida

que uma sociedade vai, pois, se pacificando, ter-se-á uma estrutura de sentimentos que vai progressivamente desprezando os jogos mais violentos e sanguinários, como as touradas ou as brigas de animais, ao mesmo tempo em que vai valorizando, cada vez mais, jogos e diversões pacatas e com relativo grau de controle. Assim, o esporte é definido como atividades moderadas e regradas, com normas escritas, número pré-estabelecido de jogadores e igualdade numérica entre as equipes, um processo de “regulamentação dos passatempos”. Nesse sentido, o surgimento de regras escritas ou de associações nacionais seriam aspectos bastante exemplares de tais dinamizações. Cita-se, por exemplo, a criação de categorias de peso no boxe entre 1850 e 1860, ou a limitação da duração e do número de assaltos nas lutas a partir de 1865. Fala-se também da elaboração das primeiras regras escritas no futebol e no rúgbi ao longo da década de 1840, bem como da padronização desses jogos através de clubes e associações que atuavam já em níveis nacionais por essa época (DUNNING, 2003, p. 75-78). Todas essas iniciativas, segundo essa argumentação, limitavam o contato físico e o nível de emprego da força, exigindo, conseqüentemente, um elevado grau de autocontrole.

Desse modo, ainda segundo essas teorias, é no momento em que os efeitos do processo civilizador se consolidam que aparecem as primeiras modalidades em conformidade com os parâmetros modernos de esportividade, como corridas de cavalo, pugilismo, caça a raposa e alguns outros jogos com bola como o futebol e o tênis. Em suma, e de acordo com os sociólogos figuracionais, somente no contexto de uma sociedade moderna que se pacificava progressivamente é que jogos e outras práticas corporais puderam se decodificar como esportes. Em outras palavras, esse é um fenômeno que deve ser visto como um produto de atitudes e sensibilidades próprias à modernidade. “Foi no contexto de uma sociedade cada vez mais pacificada e submetida a formas mais eficazes de legislação parlamentar onde começaram a surgir formas modernas e reconhecíveis de esportes baseados em regras escritas” (DUNNING, 2003, p. 72).

CRÍTICAS

Todos esses entendimentos assumiram uma posição consideravelmente influente na sociologia do esporte, especialmente na Inglaterra e na Holanda (lugares em que Elias esteve presencialmente enquanto exilado). No entanto, muitas críticas têm sido formuladas ao seu respeito. Richard Giulianotti, por exemplo, tem questionado algumas conclusões e posicionamentos teóricos dos trabalhos de Elias e seus seguidores. Segundo ele, parte do status da sociologia figuracional e da teoria do processo civilizador como referencia teórica relativamente importante nos estu-

dos do esporte sustentou-se, com mérito e em primeiro lugar, por conta de uma sensibilidade pioneira diante do esporte e do lazer. Nas suas palavras “seu *status* foi inicialmente sustentado por sua convicção – bastante incomum entre sociólogos – que o esporte e o lazer são importantes fenômenos sociais” (GIULIANOTTI, 2004, p. 145). Ao mesmo tempo, ele aponta também para o fato de as ideias de Elias terem sido significativamente promovidas por seus seguidores, que insistem que a genialidade de seu mestre não é devidamente reconhecida. Giulianotti começa então a ponderar sobre a real contribuição de Elias para a teoria social.

Menciona-se, antes de tudo, que Elias é sintomaticamente pouco citado nos livros textos e compêndios de sociologia. Cita-se também o fato de Elias ter feito poucas referências as obras e autores que claramente lhe influenciaram, como Freud, por exemplo, relativizando a originalidade de suas ideias. De maneira mais profunda, Giulianotti levanta a questão sobre a linguagem empregada por Elias que, segundo ele, demonstra certo evolucionismo, apesar de todo o esforço entabulado por seus seguidores para atenuar críticas desse tipo. Por último, diz-se ainda que sua teoria é de fácil reprodução e fornece um recurso reconfortante para a rotina de pesquisa.

Desse breve quadro esquemático das críticas apontadas por Giulianotti são as duas últimas que parecem mais interessantes para (re)pensar os problemas do esporte nas teorias sociais.

Sobre a questão da linguagem evolucionista, o uso recorrente de termos normativos como “efeito retardado”, “integração em alto nível” ou mesmo a adoção da noção weberiana de “sociedades simples”, de fato abrem a obra de Elias para uma pertinente leitura crítica. A cadeia semântica de cada uma dessas noções, bem como os constructos teóricos que lhes são subjacentes, sugere que as dinâmicas sociais progridem de maneira geométrica, com certa inevitabilidade.

É ilustrativo por este aspecto que Elias tenha recorrido reiteradamente à figura de uma espiral para explicar a ordem evolutiva do processo civilizador. É emblemático também que Elias sempre tenha demonstrado uma confiança mais ou menos excessiva nas qualidades da civilização moderna, desprezando, de certo modo, algumas das suas principais consequências, como a violência da colonização ou o Holocausto. Tragédias humanitárias como as que se testemunharam repetidamente ao longo de todo o século XX, seriam apenas pequenos retrocessos no processo civilizador, sempre sujeito a reveses. “A civilização a que me refiro nunca está completa, e está sempre ameaçada [...] a pacificação interna de uma sociedade também está sempre correndo perigo” (ELIAS, 1997, p. 161).

Outras análises, no entanto, tem se esforçado em destacar que eventos como os horrores do terrorismo ou as barbáries dos campos de concentração não são meros desvios ou contratempos à marcha civilizacional do Ocidente. Ao contrário,

tem-se concluído que tais episódios são inerentes ao seu desenvolvimento, onde seria um equívoco ou uma cegueira tentar não enxergá-los como produtos do seu próprio processo de expansão. Para mencionar alguns exemplos, citemos, primeiramente, um ensaio de John Gray, que analisa a rede terrorista Al Qaeda.

Segundo Gray (2004), o terror revolucionário praticado pelos talibãs, que se autoproclamam como um ataque aos valores da modernidade ocidental, é, ele próprio, uma invenção ocidental moderna. Seus princípios de pensamento, suas estratégias de ação e boa parte das suas convicções foram modulados pela ideologia moderna do Ocidente. A tradição de violência revolucionária, inventada pelos jacobinos e depois utilizada pelos anarquistas no Ocidente, tinham as mesmas finalidades do islamismo radical do Oriente, qual seja, “refazer o mundo com atos espetaculares de terror” (GRAY, 2004, p. 34). Nesse sentido, o terrorismo islâmico, que costuma ser apresentado como algo típico ao Oriente, não passa de uma realização do ideal europeu moderno: “é um sintoma da doença da qual pretende ser a cura” (idem, *ibidem*, p. 38).

De maneira ainda mais desconcertante, Zygmunt Bauman aborda sociologicamente o Holocausto. Contrariando a corrente que vê a civilização como aquela formação social que eliminou a violência da vida diária sendo, hipoteticamente e por isso mesmo, moralmente edificante, Bauman (1998) recorre aos bárbaros acontecimentos da carnificina nazista para fazer ver que este episódio “nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura” (BAUMAN, 1998, p. 12). Segundo ele, imagens sociológicas do processo civilizador que destacam a supressão dos atos irracionais e a imposição de uma ordem normativa excluem tendências não menos cruciais, como o seu potencial destrutivo, sugerindo falsamente que aspectos como esses são de natureza casual e transitória (idem, *ibidem*, p. 48). De acordo com os argumentos de Bauman, tragédias como o Holocausto não foram nem uma “interrupção do curso normal da história”, nem um “câncer no corpo da sociedade civilizada”, tampouco “uma loucura momentânea num contexto de sanidade” (passim). Em vez disso, Bauman insiste que episódios dessa natureza fazem mesmo parte da estrutura social da nossa civilização.

Elias, de outra forma, relutou em aceitar que fatos “não civilizados” fossem conseqüências e desdobramentos próprios ao desenvolvimento da civilização Ocidental moderna. Tal postura exprime uma “certa indiferença à especificidade dos eventos históricos” (GIULIANOTTI, 2004, p. 156).

Não se trata aqui de um desprezo pela história pura e simples, mas sim, de um desprezo pela história que se dá fora do escopo da história do Ocidente. Não

por acaso, nomes como Jack Goody (2008), um renomado antropólogo inglês, já se ocuparam de sumariar alguns limites do pensamento de Elias nesse sentido. Referindo-se ao conjunto da obra eliasiana, Goody (2008, p. 191) afirma que “seu texto é altamente eurocêntrico”. Segundo ele, suas teorias, apesar de terem grandes pretensões generalizantes, privilegiam o ponto de vista particular da Europa Ocidental. Assim, o singular uso de utensílios para a alimentação, os complexos rituais de cumprimento e de higiene pessoal, bem como a rigorosa e característica disciplina da antigüíssima civilização chinesa são sumariamente ignoradas, o que significa que o conceito de civilização na obra de Elias esteve sempre confinado ao contexto europeu.

Por que desconsiderar – como ele faz – o que aconteceu em outras sociedades tais como a China, quando se está lidando com “civilizações”? Lá também o desenvolvimento dos costumes, o uso de intermediários (pauzinhos – *hashi*) entre o alimento e a boca, os rituais complicados de saudação e limpeza corporal, as restrições da corte em contraste com a objetividade dos camponeses, como, por exemplo, na cerimônia do chá, tudo isso apresenta paralelo com a Europa da Renascença [...] Prenda-se à Europa se desejar, mas não quando está fazendo afirmações mais generalizadas. E isso era exatamente o que Elias estava fazendo (GOODY, 2008, p. 198).

Ao lado do problema de tomar os padrões culturais do Ocidente como parâmetro ideal de comportamento, o antropólogo destaca ainda, ao encontro de outras críticas apresentadas anteriormente, que a formação do Estado – tão enfatizada por Elias como veículo de monopólio do uso da força e conseqüente pacificação – levou também à violência, ao colonialismo e à opressão. Nesse sentido, “as ideologias fascistas e as atividades na Alemanha e na Itália, como as Guerras Mundiais, são certamente partes intrínsecas do desenvolvimento da sociedade contemporânea que levou à atual situação e não a algum tipo de ‘regressão’” (p. 195).

O implícito etnocentrismo de Elias, refletido nas suas teorias, também teria se materializado em situações concretas de confronto com a alteridade. No período em que trabalhou como professor da Universidade de Legon, em Gana, na África, o sociólogo alemão teria mantido uma postura de permanente afastamento das culturas locais. De acordo com Goody (2002, p. 402), essa forma de relacionar-se com as diferenças culturais seria apenas a expressão cotidiana de uma tradição intelectual europeia da qual Elias era, de certo modo, um herdeiro. “[Esta] ignorância e distância da cena local [...] não era característica apenas de Elias, mas era visível em outros professores das ciências sociais expatriados na África e que vinham da tradição sociológica européia dominante”.

Tudo isso resultaria, em síntese, no que Jack Goody (2008, p. 186) chama de “falta de profundidade histórica de longo prazo”, que faz com que os problemas

de pesquisa, bem como todas as suas explicações, sejam postas de maneira sempre muito geral e, portanto, de forma inadequada tanto histórica quanto sociologicamente. Em decorrência, “muitas das diferenças que surgem das suas *observações superficiais sobre ‘civilização’* desaparecem em um exame mais intensivo e completo” (GOODY, 2008, p. 204, grifo meu).

De fato, não seria de todo errado dizer que, de um ponto de vista especificamente histórico, o panorama traçado por Elias sobre as transformações ocorridas na Europa parece mesmo pouco matizado. No caso da reconstituição histórica das dinâmicas que produziram o chamado processo civilizador já se tem estudos que demonstram que aquelas transformações da intimidade não operaram de maneira inequívoca por toda a sociedade europeia, e sequer o fizeram em todos os estratos da população dos países que de fato se submeteram a tal processo, como é o caso da França e da Inglaterra. Ao contrário, diferentes segmentos dessas sociedades viveram de maneira igualmente diferente cada um daqueles processos, assim como diferentes contextos culturais e nacionais os apreenderam e os experimentaram de maneira diversificada. Nesse sentido, pode-se dizer que há muitos modos de ser modernos, assim como há muitos modos de ser civilizado. “Os atuais desenvolvimentos das sociedades modernas têm refutado a homogeneização e a suposta hegemonia deste programa de modernidade Ocidental” (EISENSTADT, 2000, p. 1).

Thompson (1987) já nos mostrou como as classes populares da Inglaterra foram reticentes em adotar alguns padrões de conduta e comportamento típicos à modernidade. A vida nas cidades ou o trabalho na fábrica, por exemplo, *opus magnum* da civilização moderna, foram duramente rechaçados por algum tempo antes de se estabelecerem hegemonicamente. Antigos camponeses, quando forçados a se deslocar para grandes cidades, tendiam a ver esse ambiente, acertadamente, como uma das principais causas do seu mal-estar e “desenraizamento”. Tais sentimentos e condições encorajavam iniciativas de dotar aquele espaço hostil de alguma familiaridade. Assim, tabernas, bares e igrejas iam se configurando como lugares sociais onde antigas formas de sociabilidade se manifestavam e se combinavam com todo aquele novo modo de vida. Do mesmo modo, no ambiente de trabalho, buscava-se de todas as formas maneiras de realizar as tarefas em conformidade com antigos hábitos, flexibilizando o cumprimento de horários, desrespeitando a etiqueta e o decoro comportamental, bebendo durante o expediente, escapando para pequenos passeios ou não retornando depois de garantir a quantidade de dinheiro que lhes parecia suficiente. Não por acaso, uma das principais preocupações das classes dirigentes nesse período foi a de como inculcar no “populacho” a disciplina necessária ao trabalho fabril. Estratégias para a conformação a uma rotina monótona, repetitiva e mecanizada se constituíram como o mote modernizador na transição do século XVIII para o XIX.

Se, no coração da Inglaterra, que avançava a passos largos naquela direção civilizatória, os sentidos das mudanças foram plurais, relativos e multidirecionais, como permitem concluir análises como as de Thompson, o que dizer de países e culturas distantes e menos expostos àqueles processos? Iguamente, poderíamos facilmente estender esses questionamentos para a esfera dos lazeres. Pois, se alguns setores da sociedade se esforçavam em manter hábitos e costumes mais antigos, é óbvio que também o faziam nos seus divertimentos (e talvez sobretudo nos seus divertimentos). Assim, os jogos esportivos eram apreendidos através de uma grade de interpretação que lhes era peculiar, de modo que novos divertimentos se combinavam com os antigos e eram codificados com base em tradições já instituídas. Nesse sentido, não parece equivocada a afirmação de Giulianotti (2004, p. 158) para quem, nas teorias eliasianas, “a distinção entre esportes modernos e tradicionais tem sido exagerada”.

O trabalho de Richard Holt apresenta uma interessante perspectiva e que vai mais ou menos nessa direção. Suas investigações vão de encontro às abordagens “comumente adotadas pela sociologia do esporte, que no seu entender vê o esporte como uma atividade ‘não problemática’” (PRONI, 2001, p. 24). Holt (1992) questiona os vínculos explicativos que se estabelecem entre o advento do esporte e as teorias da modernização. Segundo ele, nesse tipo de enfoque, desconsideram-se diferenças entre classes dentro de um mesmo país e também as diferenças culturais entre as nações, sendo que “aos esportes foram atribuídos sentidos culturalmente muito específicos em diferentes lugares” (HOLT, 1992, p. 130). Assim, ao lado das inovações simbólicas acionadas pelo efetivo advento de jogos regrados e com relativo controle da violência, persistia, sobretudo entre as classes populares, formas de jogos e divertimentos mais tradicionais que não se enquadram naquela concepção de “regulamentação dos passatempos”, como é o caso dos açulamentos de touro ou brigas de urso, por exemplo. Nas palavras de Holt: “A interação entre mudança e continuidade, persistência em algumas coisas e inovação em outras, é demasiadamente complexa para ser primorosamente rasteada num modelo de ‘modernização simplista’” (idem, *ibidem*, p. 12).

Pesquisas de outros historiadores como os de John Goulstone (2000) reiteram esse entendimento ao tratarem do desenvolvimento dos esportes entre as classes populares, mostrando como suas formas de jogar possuíam códigos e regras altamente complexos, mesmo quando se distanciavam daquilo que Elias quer tratar como “jogos regulamentados”. Em outras palavras, o fato dos jogos das classes populares terem regras diferentes dos praticados pela aristocracia não quer dizer que não as tinham, mas apenas que eram diferentes. E mesmo entre as classes dirigentes, que em geral experimentavam o espírito vitoriano do autocontrole de maneira mais

intensa, antigos costumes atrelados a um padrão de conduta tido, nesses termos, como “mais violentos”, continuavam se fazendo presentes. Nesse sentido, “Elias exagera na civilidade dos jogos nas *public schools*” (GIULIANOTTI, 2004, p. 156).

Exageros ou ênfases desmedidas em certos aspectos ligam o relativo desprezo de Elias pelas singularidades históricas à crítica que vê sua teoria como de fácil reprodução ou como “recurso reconfortante para a rotina de pesquisa” (GIULIANOTTI, 2004, p. 146); “uma sociologia desenvolvimentista linear” (HOLT, 1992, p. 356). A ideia insistentemente repetida por Elias e pelos eliasianos de que é preciso efetivar uma pesquisa empírica guiada por uma teoria expõe uma forma de conceber o trabalho sociológico que é bastante discutível, pois, partindo aprioristicamente de um modelo que, em última instância, deve ser confirmado, não é difícil transformar o trabalho de pesquisa em um mero esforço de reunir evidências ao seu favor.

Precisamos nos perguntar se é satisfatório simplesmente selecionar um conjunto específico de fatores culturais e descartar outros que parecem ir em um sentido contrário. Além de estar atento às mudanças de comportamento pessoal, é necessário estar ciente do aumento de guerras e violência (incluindo o que levou o próprio Elias a fugir de sua Alemanha natal), assim como da diminuição das restrições a comportamentos sexuais, das violações de direitos de propriedade e outras formas de ação criminal que presenciamos nos dias de hoje [...] A violência de hoje na família e na rua não é uma miragem e fica difícil reconciliar abordagem “*whiggish*” [que acredita no progresso] de Elias (apesar de sua declaração de ter rejeitado a idéia) com o fato de que, na época em que ele estava escrevendo, os nazistas assassinavam judeus por toda a Europa e limpavam refinadamente com lenços suas botas (GOODY, 2008, p. 189-190).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Para além das próprias controvérsias envolvendo a gênese do esporte moderno, pode-se extrair daí algumas implicações mais gerais que tocam o próprio fazer científico do cientista social dedicado ao estudo do esporte. Parte dessas implicações, no caso da sociologia figuracional, está sobremaneira ligada à noção de que uma boa pesquisa deve mesmo ser orientada por uma boa teoria. Desnecessário dizer que, nesse caso, a boa teoria é a do processo civilizador e a boa pesquisa, por conseguinte, aquela que a corrobora.

Trata-se, evidentemente, de uma espécie de tautologia que traz em si um ranço positivista. Tais vinculações fazem ver que não é fortuita a analogia que alguns críticos têm estabelecido entre a religião e a sociologia figuracional, acusando seus seguidores de compor uma liturgia (GIULIANOTTI, 2005), afinal, o positivismo comtiano, que tem sido reconhecido pelos próprios sociólogos figuracionais como importante influencia no pensamento de Elias, resultou numa religião de fato.

O pensamento científico, no entanto, é ou deve ser a antítese do pensamento religioso, na medida em que uma das suas principais condições de possibilidade é a recusa às certezas do saber definitivo, o que a religião, por motivos óbvios, não pode admitir. Em outras palavras, o progresso das ciências está condicionado a sua capacidade de colocar indefinidamente em questão os princípios de sua própria construção, ou, como nos dizem Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004, p. 39), “conduzir um questionamento radical dos postulados fundamentais da teoria”.

Já não se trata simplesmente de reconhecer limites e reorientar hipóteses, o que admitem até certo ponto, mas só até certo ponto, os sociólogos figuracionais. Trata-se, isso sim, de ponderar a respeito dos fundamentos mais elementares das regras de enunciação da teoria, reconhecendo nela uma construção conceitual arbitrária e, portanto, sujeita a plena substituição.

Quando se verifica que a realidade contradiz uma teoria, pode-se evidentemente conciliar a teoria com a realidade fazendo intervir um certo número de hipóteses suplementares. Há, porém, outra solução, mais lógica, que consiste em reconhecer que o esquematismo teórico foi mal construído (ARON, 2002, p. 219).

Claro que reconhecer que o esquematismo teórico está mal construído está muitíssimo além do que fazem os eliasianos em geral, que reagem de maneira sempre muito indignada a críticas de qualquer natureza (ver, por exemplo, DUNNING, 2002; MENNELL; GOUDSBLOM, 1997). Seu apego e admiração pelas proposições teóricas de Elias chegam mesmo a obliterar qualquer possibilidade de questionamento mais radical, impedindo, no limite, sua própria condição de cientificidade.

À tentação sempre renascente de transformar os preceitos do método em receitas de cozinha científica ou em engenhocas de laboratório, só podemos opor o treino constante da vigilância epistemológica que, subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites da sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos já experimentados [...] A obediência a um *organon* de regras lógicas tende a produzir um efeito de “fechamento prematuro” [...] Para apreender os procedimentos de pesquisa, é necessário examinar como ela procede, em vez de confiná-la a na observância de um decálogo de processos que só devem, talvez, parecer avançados em relação à prática real na medida em que são definidos de antemão [...] Portanto, é inútil pretender apresentar *a priori* as condições de um pensamento autenticamente científico (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, *passim*).

A ciência sociológica, em suma, é sempre algo em via de se fazer e por isso deve prescindir de quaisquer formulações oferecidas de antemão, onde a filiação dogmática a uma teoria particular, às vezes chamadas dissimuladamente de “referencial teórico”, inibe o autêntico exercício sociológico, que diz respeito,

fundamentalmente, a construção de fatos sociais e não a pura e simples observação imparcial e distanciada de eventos sociais, como o próprio Elias quis acreditar um dia. E é precisamente o entendimento dos fatos sociais como construções que oferece talvez a dimensão mais profunda dos limites da sociologia figuracional. Pois, de acordo com que Bourdieu e seus parceiros (2004) chamaram de “fácil garantia de realismo”, não existe uma realidade objetiva de dados sociais à espera de uma observação, cuja fidedignidade do registro dependeria tão somente da adequação da teoria que a informa e a orienta. “Para saber construir um objeto e conhecer o objeto que é construído, é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p. 64).

Nessa perspectiva, o fazer da pesquisa sociológica se desobriga de uma teoria, no sentido em que essa noção é costumeiramente empregada. Isso não quer dizer, contudo, que o esforço de teorização – no sentido da generalização de explicações sobre situações particulares – pudesse ou devesse ser abandonado. Não é essa a questão. O que está em tela aqui é que a explicação de fenômenos sociais (incluindo os esportivos) não deve admitir soluções teóricas *a priori*, mas sim exigir um esforço de compreensão a partir de um detalhamento empírico e factual, derivado da análise e interpretação de cada manifestação específica. Logo, não seria o caso de apontar limites nas teorias de Norbert Elias a fim de substituí-las por outras, hipotética e supostamente mais adequadas. Também não seria o caso de seguir multiplicando comentários teóricos, só porque importantes tópicos relacionados aos esportes desenvolvidos pela sociologia figuracional foram deixados de lado, como é o caso, por exemplo, da violência das torcidas. De certo modo, deixar de abordá-los nesse contexto é uma tentativa metafórica de sugerir, deliberadamente, uma possível esterilidade na discussão em torno da qualidade da apropriação de teorias pelas pesquisas do esporte. Insistir nesse caminho, nesse momento, seria como se limitar a discutir a eficiência das pesquisas em reproduzir os genéricos postulados das teorias com as quais e contra as quais buscam as respostas para suas interrogações. Dito de outro modo, medir qualidade de apropriação seria quase como inferir o quanto a cópia se aproxima do original, estimulando a continuidade de uma tradição de pesquisa fundada na cultura do ensaio, e que se restringe a elucubrações teóricas, em detrimento da investigação propriamente dita. Em vez de desperdiçarmos tempo e energia com isso, seria muito mais proveitoso que continuássemos nos concentrando em dar seqüência aos estudos que vem se anunciando de maneira cada vez mais alvissareira.

The figurational sociology and the studies of the sport

ABSTRACT: The objective of this article is to critically analyze some implications of the theoretical proposals of Norbert Elias for the studies of the sport. Trying to point some limits, the article if occupies, more specifically, with the problematic one of early of the modern sport. After presenting the explanations of this boarding for the sprouting of the sport, we deal with some critical ones that if it has presented in this direction. The real reach of the process of pacification of the customs, the diversity in ways of life in the modern Europe, the permanence of old and traditional forms of popular amusements, the eurocentrism, beyond the proper conception of implicit theory to the workmanships of Elias and its followers is subjects that if present to the reflection.

KEY WORDS: Figurational sociology; Norbert Elias; social theory; sport studies.

La sociología figuracional y los estudios del deporte

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar críticamente algunas implicaciones decurrentes de las teorías de Norbert Elias para los estudios del deporte. Intentando señalar límites, el artículo si ocupa, más específicamente, con la temática de los primórdios del deporte moderno. Después de presentar las explicaciones de este discusión para el surgimiento del fenómeno deportivo, tratamos algunos críticos que si han presentado en esta dirección. El alcance verdadero del proceso de la pacificación de los costumbres, la diversidad de maneras de vida en la Europa moderna, la permanencia de tradicionales formas de diversiones populares, el eurocentrismo y el concepto de la teoría implícita a los escritos de Elias y de sus seguidores son los temas que se presentan a la reflexión.

PALABRAS CLAVES: Sociología figuracional; Norbert Elias; teoría social; estudios del deporte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.; GUTIERREZ, G. L. A busca da excitação em Elias e Dunning: uma contribuição para o estudo do lazer, ócio e tempo livre. *Lecturas*, Buenos Aires, ano 10, n. 80, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd80/ocio.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAUMAN, Z. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p. 11-37.

_____. Some comments on Jack Goody's "Elias and the anthropological tradition". *Anthropological Theory*, v. 2, n. 4, p. 413-420, 2002.

_____. *El fenómeno deportivo*. Barcelona: Paidotribo, 2003.

EISENSTADT, S. Multiple modernities. *Daedalus*, v. 129, n. 1, p. 1-29, 2000.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GEBARA, A. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHNS, H. (org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 113-137.

_____. Sociologia configuracional: as emoções e o lazer. In: BRUHNS, H. T. (org.). *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos, 2002. p. 77-91.

GIULIANOTTI, R. Civilizing games: Norbert Elias and the sociology of sport. In: _____. (ed.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 145-160.

_____. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity Press, 2005.

GOODY, J. Elias and the anthropological tradition. *Anthropological Theory*, v. 2, n. 4, p. 401-412, 2002.

_____. *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente*. São Paulo: Contexto, 2008.

GOULSTONE, J. The working-class origins of modern football. *International Journal of the History of Sport*, v. 17, issue 1, p. 135-143, 2000.

GRAY, J. *Al-Qaeda e o que significa ser moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. Oxford: Clarendon, 1992.

LUCENA, R. F. Elias: individualização e mimesis no esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 113-137.

MEDEIROS, C. de; GODOY, L. G. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da educação física (1979-2007)*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 199-214, 2009.

MENNELL, S.; GOUDSBLON, J. Civilizing process – myth or reality? A comment on Duerr's critique of Elias. *Comparative Studies in Society and History*, v. 39, issue 4, p. 729-733, 1997.

PRONI, M. Teorias do esporte em discussão: uma visão de Richard Holt. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 22-30, 2001.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido: 12 jun. 2009

Aprovado: 3 nov. 2009

Endereço para correspondência

Cleber Dias

Rodovia Goiânia-Nerópolis, km 12, Campus Samambaia

Caixa Postal 131

Goiânia-GO

CEP 74001-970